Universidade Federal de Goiás
Coletivo Rosa Parks
Estudos e Pesquisas sobre Raça, Etnia, Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades
Página: https://rosaparks.fcs.ufg.br/

Coletivo Rosa Parks:

Estudos e Pesquisas sobre Raça, Etnia, Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades

Coordenação: Profª Drª **Luciana de Oliveira Dias**
Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Faculdade de Ciências Sociais
Universidade Federal de Goiás

Goiânia – GO

2021

Resumo

O "Coletivo Rosa Parks: Estudos e Pesquisas sobre Raça, Etnia, Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades" é um grupo de pesquisa no formato de um projeto "guarda-chuva" que reúne pessoas interessadas em estudar, pesquisar, analisar e propor soluções para a superação de situações de preconceitos, intolerâncias e discriminações baseadas em raça, etnia, gênero e sexualidade. As atividades desenvolvidas, em perspectiva interdisciplinar, buscam atravessar fronteiras teóricas, com atenção especial à interdependência entre racismo e machismo, além de problematizar as formas de produção e reprodução das interações sociais hierarquizantes e opressoras. Essas pretensões tem sido alcançadas por meio da aplicação de metodologias qualitativas e/ou quantitativas dentro de uma grande área das ciências humanas, com enfoque nas Ciências Sociais, mais especialmente na Antropologia, e em perspectiva interdisciplinar. O interesse é favorecer diálogos sensíveis à necessidade de atuar de maneira engajada, já que a emancipação não se sustenta somente em uma abstração conceitual, contra todas as formas de preconceito, discriminação, opressão ou violação de Direitos Humanos. Contextos dialógicos têm subsidiado o fortalecimento de ações de ensino e extensão com enfoque no feminismo negro e movimento indígena e tem auxiliado também na elaboração de relatórios monográficos e dissertativos de pesquisa, ensino e extensão. Esses produtos têm colaborado com o avanço do conhecimento nos níveis de graduação, especialmente no âmbito da iniciação científica, e da pós-graduação, particularmente nos níveis de mestrado e doutorado e, concomitantemente, tem colaborado também com ativismos militantes que ultrapassam os limites da comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Raça, Etnia, Gênero, Sexualidade, Interseccionalidade, Interdisciplinaridade.

Apresentação

Rosa Parks foi uma costureira negra norte-americana que foi convertida a um símbolo do movimento dos direitos civis das pessoas negras e que inspira o nome deste projeto. Lembremos que na cidade de Montgomery, capital do Alabama, nos Estados Unidos era institucionalizada a segregação racial no transporte coletivo. No dia 1º de dezembro de 1955, Rosa Parks se negou a ceder a um homem branco o seu assento em um ônibus coletivo. Ela foi presa e a partir da adesão de várias pessoas, como Martin Luther King Jr., na causa, iniciou-se um boicote, de 13 meses, aos ônibus coletivos de Montgomery iniciado em 1955 e terminado somente em 1956. A recusa de Rosa Parks de se levantar para que um homem branco sentasse naquele ônibus coletivo ativou todo um movimento militante anti-segregacionista nos Estados Unidos.

O objetivo do boicote, que teve duração de mais de um ano, era se opor à política de segregação racial vigente no transporte coletivo da cidade. No dia 5 de junho de 1956, uma corte federal, pressionada pelas pessoas negras mobilizadas, determinou que a segregação nos ônibus era inconstitucional. Essa decisão foi ratificada em 13 de novembro pela Suprema Corte e Rosa Parks passou a ser conhecida como a "mãe do movimento pelos direitos civis". Os/As manifestantes negros/as daquele período sustentaram o lema: "Melhor andar com dignidade que rodar na humilhação.".

É essa história que inspira o nome desse grupo de estudos, pesquisas e mobilização. Assim como aquele ônibus coletivo que fora ocupado por Rosa Parks esse "Coletivo Rosa Parks" de agora tem a pretensão de aproximar em um mesmo espaço, que também é um coletivo, pesquisadoras/es, estudantes da graduação e da pós-graduação, professoras/es e estudiosas/os mobilizados e interessados em desenvolver ações de estudo, pesquisa e extensão que envolvam as complexas intersecções entre raça, etnia, gênero e sexualidade à luz dos direitos humanos. Destacamos que assim como o compreende Ana Alice Alcântara Costa (2005, p. 10) entendemos que um engajamento político e sociocultural é necessário “não apenas como uma bandeira de luta mobilizadora, mas como um questionamento profundo dos parâmetros conceituais do político”.

A busca por direitos é uma demanda contemporânea expressiva (SANTOS, 2010) que parte de segmentos societários marcados pelo racismo, sexismo/machismo, intolerâncias e fobias sociais as mais diversas. Discursos e posturas preconceituosas e discriminatórias revelam elementos estruturantes das relações humanas, que, por sua vez, são responsáveis por gerar formas combinadas de opressão (DIAS, 2008). A partir desta perspectiva é que surge a necessidade de trabalhar de maneira interseccionada com as dimensões de raça, etnia, gênero e sexualidade. Destacamos que a busca por compreensão teórico-conceitual dessas dimensões interseccionadas será concomitante a um engajamento sociocultural e político aproximando estudiosas/os de um feminismo negro (DAVIS, 1981) que é também ativista e militante.

Esse grupo de estudos e pesquisas tem a pretensão de abrigar projetos monográficos e dissertativos de orientadas/os de professoras/es que compõem "Coletivo Rosa Parks: Estudos e Pesquisas sobre Raça, Etnia, Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades", configurando-se em um projeto "guarda-chuva". Com previsão de reuniões regulares, que de fato já existem, a equipe apresenta permeabilidade suficiente para acolher propostas engajadas acadêmica e politicamente, reunindo pessoas interessadas em estudar, pesquisar, analisar e propor soluções para a superação de situações de preconceitos, intolerâncias e discriminações baseadas em raça, etnia, gênero e sexualidade.

O desenvolvimento deste projeto permitirá o cruzamento de fronteiras teóricas e conceituais, mantendo-nos atentas/os à interdependência entre racismo e machismo. O avanço no desenvolvimento deste projeto possibilitará uma problematização de formas de produção e reprodução das interações sociais marcadas por processos hierarquizantes e opressores. Essas pretensões serão alcançadas por meio da aplicação de metodologias qualitativas e quantitativas dentro de uma grande área das ciências humanas e em perspectiva interdisciplinar.

Uma busca engajada é pelo favorecimento de diálogos sensíveis à necessidade de atuar, já que a emancipação não se sustenta somente por meio de abstrações conceituais, contra todas as formas de preconceito, discriminação,

opressão e/ou violação de direitos humanos. Esses contextos dialógicos acontecidos no âmbito do Coletivo Rosa Parks, onde devem interagir pessoas, teorias, conceitos e vivências, subsidiarão a elaboração de relatórios monográficos e dissertativos de pesquisas, ensino e extensão, colaborando, desta forma, com o avanço do conhecimento nos níveis de graduação e pós-graduação e também com ativismos militantes que extrapolem os limites da universidade.

Interseccionalidades possíveis entre raça-etnia e gênero-sexualidade

A sustentação teórica deste projeto está sobre categorias conceituais importantes que serão exploradas a partir de levantamentos bibliográficos e cotejamentos entre perspectivas compreensivas e explicativas de raça, etnia, gênero, sexualidade e as intersecções que marcam tanto a teoria, ao lidarmos como os conceitos, como a prática, nas vivências em que esses conceitos são tomados como marcadores sociais.

Inicialmente, compreendemos raça (GUIMARÃES, 1999) como uma categoria do mundo real, gestada na academia, que colabora com a classificação das pessoas de acordo com pertencimentos socioculturais associados a fenótipos específicos. Raça deve ser utilizada sempre em conexão com "cor", "religião", "classe social", "povo", "nação" e "etnia", dentre outras (MUNANGA, 2004). Vale destacar que raça tem um valor que se ancora na biologia genética (traços fisionômicos) e também, e sobretudo, na sociologia por ser uma construção social ordenadora das interações entre os indivíduos.

Como destacado no parágrafo acima raça deve ser pensada em conexão com etnia, dentre outras categorias. Enquanto raça tem sido o termo mais adotado para classificar pessoas negras no Brasil, o termo etnia tem sido vastamente utilizado no trato às pessoas indígenas (DIAS, 2008). Merecedora de contundentes críticas por ser uma categoria técnica que fora cunhada no bojo da antropologia (SEGATO, 2005), etnia ainda segue sendo bastante utilizada por estudiosas e estudiosos de povos indígenas, ainda que não tenha alcançado qualquer aderência quando nossa/o interlocutora ou interlocutor é indígena.

Em uma busca por compreensão mais aprofundada do feminismo, e do feminismo negro especificamente, gênero desponta como fundamentalmente importante de ser apreendido como categoria conceitual válida, operante e carente de maiores explorações analíticas. Uma abordagem feminista (DAVIS, 1981) de gênero permite compreender que o principal sustentáculo das desigualdades societárias é o patriarcado. E, o patriarcado encontra-se ancorado em relações de poder (FOUCAULT, 1969) que consolidam privilégios dos homens sobre as mulheres, privilégios estes que são impostos por meio dos papeis de gênero.

Destacamos aqui que estamos mais interessadas/os em compreender os efeitos da subordinação feminina, sobretudo aqueles que incidem sobre as mulheres negras de maneira acumulada, do que as origens de todo esse processo. Imprescindível é considerar a interseccionalidade entre categorias como raça e gênero, buscando uma conceitualização que as conecte. Lembremos que a "denominação categorial constrói o que nomina" (LUGONES, 2008) e ao aceitarmos o desafio de pensar o feminismo negro lançamos luz sobre uma intersecção de categorias (raça e gênero) podendo promover uma ruptura com silenciamentos, diluições e invisibilizações de violências experimentadas por sujeitos que acumulam pertencimentos e identidades estigmatizadas socioculturalmente. As mulheres negras evidenciam tensões decorrentes de preconceitos e discriminações de gênero e raciais e revelam a necessidade de ruptura com processo binários, dicotômicos e hierarquizados.

Tornamos ainda mais complexa a interseccionalidade ao nos lançarmos no empreendimento de compreender e explicar as sexualidades. Contemporaneamente a sexualidade feminina ainda é objeto de controle societário, cultural, institucional, político e ideológico. Uma das bandeiras dos movimentos feministas é precisamente a emancipação das mulheres por meio do exercício livre de suas sexualidades. Atentas/os estamos ainda para o fato de que heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003), entendida como uma vontade de verdade sobre a sexualidade (FOULCAULT, 1988), segue controlando corpos e desejos e estabelecendo interditos sobre as sexualidades não normatizadas.

Ao aceitarmos o desafio de desenvolver este projeto, apelamos para a interdisciplinaridade como uma possibilidade efetiva de instaurar zonas de interlocução entre saberes que partem de variadas áreas de conhecimento. A interdisciplinaridade converte-se, no âmbito deste projeto, em recurso teórico-metodológico que faz avançar conhecimentos. Além de se elevarem de maneira dialogada, a pretensão é a de que esses conhecimentos resultantes dos estudos, pesquisas e atuação com a comunidade envolvente da universidade, revelem uma *praxis* do feminismo negro brasileiro.

Para tanto, buscaremos evidenciar em que medida há uma ausência, ou um silenciamento, das mulheres negras nos conhecimentos produzidos, em sua grande maioria nas universidades, e que tem insuficientemente colaborado para a superação das intolerâncias, desigualdades, injustiças, discriminações e pobrezas. Os produtos decorrentes da execução deste projeto, quais sejam, os estudos, as pesquisas, as monografias, as dissertações, os artigos, os livros e o engajamento consciente a um feminismo negro, poderão ser lidos como instâncias analíticas e reflexivas que colaborarão para a efetivação dos direitos humanos.

A perspectiva decolonial (LANDER, 2005) guiará pensamentos e ações atentos à necessidade de desconstrução de racismos e machismos que foram robustecidos a partir da empresa colonial que subordina continentes como a América e a África. Serão considerados os entre-lugares (BHABHA, 1998), os interstícios, as hibridações (CANCLINI, 2003) e os deslizamentos na busca por melhor entender os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, p.XIX). Por meio de uma revisão teórica e conceitual e também do desenvolvimento de pesquisas buscaremos aprimorar conhecimentos e promover engajamentos.

Objetivo Geral

A execução dos projetos abrigados neste grupo de pesquisa tem permitido compreender/explicar, investigar e analisar as interseccionalidades decorrentes

da aproximação entre raça, etnia, gênero e sexualidade. O enforque na teoria e nas vivências marcadas por relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, dentre outras categorias que podem ser acessadas, busca o desenvolvimento de um pensamento crítico, em perspectiva decolonial e interdisciplinar, que seja capaz de deslocar percepções assentadas sobre preconceitos e intencionalidades socialmente fóbicas.

Objetivos Específicos

1. Reexaminar toda uma produção bibliográfica especializada em questões de raça, etnia, gênero e sexualidade, analisando as interseccionalidades dessas categorias em uma perspectiva decolonial;
2. Pesquisar e analisar a diversidade de pertencimentos étnico-raciais de gênero e de sexualidades, enfocando a especificidade de ser mulher negra ou mulher indígena, e realizando reflexões sobre situações de observância/violação de Direitos Humanos;
3. Explorar e identificar as relações entre teoria e prática (pertencimentos, identidades, movimentos sociais) que indiquem uma *praxis* que informe sobre um pensamento feminista negro e/ou indígena;
4. Analisar as intersecções entre raça, etnia, gênero e sexualidade, combinado-as com categorias tais quais Direitos Humanos, corporalidades, trabalho, língua e região, a partir das subjetivações que conformam as identidades.

Metodologia

Este grupo de pesquisa abriga projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, que fazem uso de uma variedade de técnicas e métodos, no campo das metodologias qualitativas. Desta forma, é possível recorrer a instrumentos como a análise documental, compreendendo a análise de conteúdo; levantamento bibliográfico e revisão de literatura para estudos teóricos e análise do discurso; realização de trabalhos de campo, especialmente de cunho etnográfico, compreendendo todas as técnicas possíveis, como entrevistas, observação

participante e construção de diários de campo, para produzir e analisar dados etnográficos.

É possível também desenvolver estudos mais quantitativos, como os *surveys* e a estatística, que servirão para lidar com bases mais numéricas. Além do mais, a combinação de metodologias quali-quanti pode favorecer trabalhos que sejam realizados por pesquisadoras/es, professoras/es, estudantes da graduação e da pós-graduação *stricto* e *lato sensu* e ativistas militantes que integrem a equipe do Coletivo Rosa Parks. Destaque-se que todas as atividades previstas no cronograma a seguir, serão desenvolvidas ao longo de 60 meses.

Resultados esperados e principais contribuições

A realização de um reexame de toda uma bibliografia acerca de raça, etnia, gênero e sexualidade é indispensável para a compreensão da realidade do Brasil. Da mesma forma, a realização de estudos e pesquisas sensíveis à necessária intersecção entre essas categorias é urgente para que seja delineado um panorama mais coincidente com as vivências que são experimentadas pelos sujeitos contemporaneamente.

Essas ações de estudo, pesquisa e extensão permitirão identificar, descrever e analisar toda uma *praxis* do feminismo negro brasileiro, segundo o qual a ausência, ocultamento ou silenciamento do lugar e da voz das mulheres negras nos espaços de produção de conhecimentos tem dificultado maior precisão sobre injustiças, desigualdade, discriminação, pobreza, entre outras variáveis. Desta forma, esperamos uma ampliação de espaços discursivos e a garantia de uma polifonia que podem indicar uma democratização, representatividade e coerência nos campos de produção de saberes.

A decolonialidade dos saberes tem o potencial de lançar na esfera pública questões que estão sendo abordadas como pertencentes somente à esfera privada, tais quais racismos, machismos, homofobias, lesbofobias e intolerâncias diversas. Tratados como problemas de ordem pública, provocamos uma aproximação de soluções possíveis a sofrimentos experimentados e de responsabilização dos setores públicos e instituições que devem assumir sua

responsabilidade sobre a reprodução e o combate a situações de racismo, machismo, fobias e intolerâncias diversas.

Como principais produtos, temos apresentado para a comunidade acadêmico-científica da UFG: 1. Estudos realizados, com a realização de reuniões regulares dos grupos de estudo; 2. Trabalhos de final de curso de graduação (trabalhos de final de curso e planos de trabalho de iniciação científica) e pós-graduação (teses e dissertações) orientados; 3. Artigos escritos, em quantidade significativa no formato de co-autorias e em perspectiva interdisciplinar; 4. Contribuições ao avanço do conhecimento apresentadas no formato de comunicações em eventos científicos e publicações diversas; 5. Construção de espaços/momentos de interlocução, debate e consolidação de redes (teóricas, políticas e afetivas) nas quais a dignidade humana seja observada. 6. Realização de ações de extensão com alcance que extrapole os muros da universidade e favoreça a execução de oficinas, seminários, exposições e intervenções em escolas e em espaços de cultura que têm demandado discussões que caracterizam o Coletivo Rosa Parks.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O Perigo de uma História Única. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

*ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos Todos Feministas***.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Hibisco Roxo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural.* São Paulo: Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Gloria; hooks, bell et all (Eds.). *Otras inapropriables*. Madrid: Traficantes de sueños, 2004.

ARAÚJO, Bruna Stéfani Soares de. *Raça, gênero e colonialidade:* críticas marginais para a criminologia feminista e sua epistemologia. In: Revista Brasileira de Ciências Criminais. Dossiê Especial: Gênero e Sistema Punitivo. Ano 26. Volume 146. Agosto, 2018.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas* / Dossiê Mulheres negras. Rio de Janeiro: IFC/UFRJ, 3(2): 458. 1995.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIKO, Steve. Escrevo o que eu quero. São Paulo: editora Ática, 1990. Acessível em: https://pt.scribd.com/doc/236043744/Steve-Biko-Escrevo-o-que-eu-quero-pdf.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, 2006, p. 239-76.

BRAH, Avtar; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *The normal chaos of love*. Cambridge, MA., Polity Press, 1995.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, N. García. *Culturas Híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser.* 2005. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo / USP. São Paulo. 2005.

CARVALHO, José Jorge. *Inclusão étnica e racial no Brasil*: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar*: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado,* Brasília, v.31, n.1, p.99-127, jan/abr 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Raça, classe e gênero como categorias de análise e reflexão. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista.* São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, pp. 13-42.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Revista Estudos Feministas*, nº 1, 2002. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf

DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984a.

DAVIS, Angela Yvonne. *Women, race and* class. New York: Random House, 1981.

DEL PRIORI, Mary. *Ao Sul do Corpo*: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília/DF: Edunb, 1993.

DIAS, Luciana de Oliveira. Ação Afirmativa: Superando Desigualdades Raciais no Brasil. *In*: SILVA, Marilena & GOMES, Uene José. *África, Afrodescendência e Educação*. Goiânia: Editora UCG, 2007.

DIAS, Luciana de Oliveira. *Intersubjetividades Constitutivas das Identidades Étnico-Raciais e de Gênero nos Espaços Escolares de Contextos Urbanos do Brasil e México***.** 2008. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Estudos Comparados sobre as Américas - CEPPAC) – Universidade de Brasília/UnB. Brasília/DF. 2008.

DIAS, Luciana de Oliveira. *Trânsitos identitários*: Um estudo de caso sobre As/Os Mazahuas na Cidade do México. 33º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. 2009.

DIAS, Luciana de Oliveira. Quase da Família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. *Revista Humanidades & Inovação*, Edição Especial: Epistemologias e Feminismos negros, v. 6, n. 16, p. 8-12, 2019.

DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. *Revista Articulando E Construindo Saberes*, V.1, N.5, 2020.

DIAS, Luciana de Oliveira; CASTRO, Ana Luísa Machado de. *Mulheres negras nas universidades e saberes decoloniais: por uma teorização de um pensamento feminista negro. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v.9. n.17, jan./jun. 2020.

DIAS, Luciana de Oliveira; ALMEIDA, Lyzyê Inácio. Eu Empregada Doméstica: heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no brasil. *TESSITURAS - Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 9 n.1, pp. 8-31, 2021.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1992.

DUMONT, Louis. *O Individualismo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira.Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *L'Archeologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa, Portugal: Gallimard, 1966.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 9, p. 278-321.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte / MG: Editora UFMG; Brasília / DF: UNESCO – Brasil, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de janeiro, Garamond, 2004. [Tese de doutorado, Rio de janeiro, UFJR, 1992].

HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. In: FRANCHETO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura V.C. e HEILBORN, Maria Luisa. (orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980, pp. 11-47.

hooks, bell.Teaching to transgress. Education as the practice of freedom. Nova York/Londres: Routledge, 1994.

hooks, bell. Sisterhood: political solidarity between women. In: FRIEDMAN, Marylin and WEISS, Penny. *Feminism and Community*. Philadelphia, Temple University Press, 1995, pp.293-315.

hooks, bell. "Vivendo de Amor". *In*: WERNECK, Jurema. *O Livro da Saúde das Mulheres Negras*: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.

hooks, bell. *Alisando o nosso cabelo*. In: SANTOS, Maria Lia (Trad.) *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artistas de Cuba*, 2005. Acessível em: <http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf

hooks, bell. Não sou eu uma mulher: Mulheres Negras e Feminismo (Trad.) Plataforma Gueto, 2014.

hooks, bell. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.16, pp.193-210, jan/abr 2015.

hooks, bell; McKINNON, Tanya. Sisterhood: beyond public and private. *Signs*, Vol. 21, No. 4, Feminist Theory and Practice (Summer, 1996), pp. 814-829

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista de Ciências Sociais Hoje, Anpocs,* São Paulo, pp. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro.* n. 92-93, Rio de Janeiro: Ed. Global, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. "A Mulher Negra na Sociedade Brasileira (Uma abordagem político-econômica)". In: MADEL, Luz. (org.). *O lugar da Mulher (Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual).* Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

KILOMBA, Grada. “The Mask” In: ____. Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast. Verlag, 2. Edição, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: Diário de uma favelada. 9. ed., São Paulo: Ática, 2007.

LANDER, Edgardo (org). *A Colonialidade do Saber:* eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires – Argentina: CLACSO, 2005.

LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera: artículos y conferencias*. Horas y Horas, 2003.

LORD, Audre. Textos Escolhidos. [s.d] [Mimeo].

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.* Petrópolis: Vozes, 2001.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, Caracas, v.14, n.33, 2009, pp.37-54.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *Revista El Cotidiano, Ciudad de México, 2014, pp.* 7-12.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: BRANDÃO, André Augusto P. (org.). *Cadernos PENESB*, Niterói: UFF, 2004.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na escola.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. (org.). *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Estação Ciência, 1996.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O Quilombo do Jabaquara*. Revista de Cultura Vozes*, v. 73, n. 3, abr., 1979.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de Marca*: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. *La invención de lasmujeres*. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentalesdel género. Colombia: Editorial enlafrontera, 2017.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Mulher negra: afetividade e solidão. Salvador: EdUFBA, 2013.

POMBO, Olga*. Epistemologia da Interdisciplinaridade*. In: Seminário Internacional Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade (2003). Porto. Anais... Universidade do Porto. Disponível em: <http//www.humanismolatino.online.pt/vl/pdf/C002_11.pdf> Acesso em 10 mar. 2015.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org). *A Colonialidade do Saber:* eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires – Argentina: CLACSO, 2005.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia. São Paulo, *Revista Novos Rumos*, Nº 37, 2002.

RATTS, Alex (Org.). *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. *Revista Estudos Feministas,* Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 446-457, 2. sem. 1995.

RIOS, Flávia. *Elite Política Negra no Brasil:* Relação entre movimento social, partidos políticos e Estado. 2014, Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP.

RIOS, Flávia. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010). *Lua Nova,* São Paulo, n. 85, p. 41-79, 2012.

RUSSO, Mary J. *O Grotesco Feminino*: risco, excesso e modernidade. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

SANSONE, Lívio e PINHO, Osmundo Araújo (orgs.). *Raça: novas perspectivas antropológicas*. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

SANTOS, Débora Sirno; DIAS, Luciana de Oliveira. Saberes e pertencimentos espelhados: quando uma professora negra fala sobre feminismo negro. *Revista Humanidades & Inovação*. Edição Especial: Epistemologias e Feminismos negros. v. 6, n. 16, pp. 13-22, 2019.

SANTOS, Milton. *Ética Enviesada da Sociedade Branca Desvia Enfrentamento do Problema Negro*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos; BOTELHO, Denise. Sinais de Luta, Sinais de Triunfo: traduzindo a poesia negra lésbica de Cheryl Clarke. *Revista Língua e Literatura*, Rio Grande do Sul, v.15, n.24, p.49-72, 2013. Disponível em: http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/871/1558

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Proj. História*, São Paulo, (16), fev. 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SEGATO, Rita Laura. *La Guerra Contra las Mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SEGATO, Rita Laura. O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça. *Série Antropologia*. Universidade de Brasília, 2006, pp. 1- 21.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Sociedade e Estado* (Feminismos e gênero), v. XII, n. 2, jul./dez. 1997.p. 235–262.

SEGATO, Rita Laura. *Raça é Signo*. Brasília, Dep. de Antropologia UnB. (Série Antropologia Nº 372). 2005.

SEGATO, Rita Laura. *Alteridades Históricas / Identidades Políticas*: una crítica a las certezas del pluralismo global. Brasília, Dep. de Antropologia UnB. (Série Antropologia Nº 234). 1998.

SEN, Amartya. *A ideia de Justiça*. Tradução de Denise Bottmann e Ricardo D. Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. / Tomaz Tadeu da Silva (org); Stuart Hall; Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOARES, Lissandra Vieira & MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, pp. 203-219, 2017.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENSESE, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRUTH, Sojourner; Et Al. *Feminismos Negros*: Una Apología. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012.

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas. *Lélia Gonzalez*: Primavera para as rosas negras. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da ABPN* v.1, n.1, 2010, pp. 08-17.

Audiovisual:

- Rosa Parks (https://www.youtube.com/watch?v=wACF9A4yYjc)
- Rosa Parks: o Poder de Uma Pessoa (https://www.youtube.com/watch?v=FztNc3yCehU)
- Gritaram-me Negra (https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0)
- Orí (Beatriz Nascimento) – (https://www.facebook.com/watch/?v=1878768139068550)
- AmarElo - É Tudo Pra Ontem – Netflix
- Moolaadé (https://www.youtube.com/watch?v=jCfZPsJukL0)
- Malcolm X – Netflix
- Kiriku e a Feiticeira (animação) (https://www.youtube.com/watch?v=shsdehQDvMc)
- Histórias Cruzadas – Netflix
- Quanto Vale Ou É Por Quilo (https://www.youtube.com/watch?v=fZhaZdCqrHg)
- Quilombo (https://www.youtube.com/watch?v=v7CYGqJsFvU)
- Pisa Ligeiro (https://www.youtube.com/watch?v=FseTLA9D4jg)
- Menino 23 – Infâncias Perdidas no Brasil (https://www.youtube.com/watch?v=rYSspBodYSQ)